

A FORMAÇÃO ACADÊMICA DE BIBLIOTECÁRIOS E CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E SUA VISIBILIDADE, IDENTIDADE E RECONHECIMENTO SOCIAL NO BRASIL

artigo de revisão

Francisco das Chagas de Souza*

RESUMO

Apresenta uma análise da formação acadêmica, da identidade e da visibilidade profissional do bibliotecário e do cientista da informação, tomando como base a literatura brasileira em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Com essa análise expõe uma compreensão do que essa literatura propõe ou interpreta sobre a identidade social e a visibilidade profissional, dois tópicos centrais no discurso recente dos profissionais desses campos. Além disso, explicita a maneira de como essa literatura propõe, interpreta ou reflete o reconhecimento social das profissões de bibliotecário e cientista da informação.

Palavras-chave

BIBLIOTECÁRIO
CIENTISTA DA INFORMAÇÃO
CAPACITAÇÃO ACADÊMICA
VISIBILIDADE SOCIAL
IDENTIDADE PROFISSIONAL
RECONHECIMENTO SOCIAL

* Doutor em Educação, Bacharel e Mestre em Biblioteconomia. Grupo de Pesquisa: Informação, Tecnologia e Sociedade. Departamento de Ciência da Informação - Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: chagas@cin.ufsc.br souza@amja.org.br

I INTRODUÇÃO

A pesquisa nos campos da Biblioteconomia e Ciência da Informação, de algum modo, tem se ocupado da questão da formação acadêmica. O estudo sobre a formação acadêmica inclui buscar a explicação ou compreensão de vários aspectos que motivam as pessoas na realização do esforço voltado à aquisição de treinamento universitário para obter o capital intelectual necessário ao emprego e desenvolvimento de competências para as lides profissionais, ou melhor, técnico-gerenciais, bem como para a investigação científica.

De certa maneira, essa demanda à universidade configura buscas distintas, que podem ser realizadas por um mesmo indivíduo ou por indivíduos diferentes: a busca de competência para o exercício de atividades profissionais ou da

competência para o desenvolvimento da investigação científica.

Essas buscas distintas e, portanto, as respostas obtidas por quantos as fazem, são ordenadas como projetos de intervenção na sociedade que requerem, para além da interação social, certo conjunto de componentes psicológicos. Essa interação social e os componentes psicológicos visam produzir interpretações, compreensões ou explicações, de um lado, sobre os serviços e as ações práticas que podem ser realizadas e, de outro, a realização em si. Essa realização em si dá-se como operações concretas e instrumentais das tarefas de trabalho que respondem “objetivamente” aos desejos, interesses ou necessidades de usuários imediatos e, majoritariamente, tendem a ser quase mecânicas.

Isso não significa, como uma linha de único sentido, que no âmbito da formação acadêmica em Biblioteconomia se evite realizar reflexões com o

envolvimento dos discentes nos atos de pensar e, inversamente, que a preparação para o fazer científico em Ciência da Informação não careça de algumas ações práticas em que se insere a própria atividade de busca documental e bibliográfica, bem como o envolvimento em um campo investigativo, com a definição de técnicas de busca de dados, com o desenvolvimento de instrumentos para a coleta e a coleta de dados em si. Contudo, pela distinção da natureza predominante, ou pelo resultado esperado de cada uma dessas formações universitárias, não se desconsidera, neste artigo, que se tratam de coisas singulares. Neste sentido, é plausível que se aceite a idéia de que na formação do bibliotecário não caberia, como prioridade, a capacitação para a realização da pesquisa científica, ficando esta para outro instante da capacitação de quem por ela se interessa ou a ser desenvolvida no setor acadêmico, em que se estuda a Ciência da Informação. Nisto, por um recorte de fundo epistemológico, ter-se-ia uma explicação, preliminar, das razões pelas quais caberia preparar bibliotecários em nível de graduação e cientistas da informação em ambiente próprio para a formação de pesquisador, que é o modelo predominante no Ocidente.

No ambiente em que se dá o exercício da profissão de bibliotecário no Brasil, em que seus praticantes passaram a expressar nas últimas décadas alguma carga de sentimento de inferioridade, o rótulo importado nos anos da década de 1990, fixado como *Moderno Profissional da Informação* tem servido para embaralhar mais ainda a expressão por todo o país desse sentimento que se faz acompanhar das sempre reivindicadas identidade e visibilidade profissionais, melhor manifestadas por questões como: *Quem somos? Que fazemos? Quem seremos no futuro?*, sendo esta última recorrentemente manifestada nos Encontros Nacionais de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação¹ - ENEBDs e Encontros Regionais de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação - EREBDs.

Tal sentimento tende a se agravar com a consolidação, em 2002, da nova Classificação Brasileira de Ocupações (CBO, 2002) que, enquanto instrumento de uso social, não tendo outro

propósito senão o de codificar as ocupações existentes para orientar a ação do Estado e dos universos da economia e do trabalho, amplia mais ainda a necessidade de se examinar cautelosamente os problemas sócio-psicológicos que sensibilizam profissionais e estudantes atuantes e oriundos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

De outro lado, como parte do esforço reflexivo que vem sendo realizado, parece ser relevante inserir no exame do tema, tendo em vista o atual momento social, econômico e tecnológico vivido pelo Brasil, a idéia de que se poderia tomar a expressão *Profissionais da Informação* como uma designação mais abrangente visando auxiliar no desembaralhamento da questão dos nomes: *Profissional da Informação, Bibliotecário, Cientista da Informação* e outros, como Arquivistas e Museólogos. A expressão *Profissionais da Informação* assim como a expressão *Profissionais da Saúde*, utilizada em outro setor especializado para juntar os nomes de profissões (Médico, Enfermeiro, Nutricionista, Odontólogo, etc.) poderia agrupar profissões da informação (regulamentadas ou não) e que se denominam, por exemplo, *Bibliotecário, Cientista da Informação, Gestor da Informação*, etc. É nesta perspectiva que se vem estudando a questão na UFSC, e este texto é um dos resultados das discussões em andamento.

Do ponto de vista metodológico, este artigo foi construído a partir de uma abordagem qualitativa. Quanto à fonte dos dados é uma pesquisa bibliográfica, que tratou uma literatura sobre a formação acadêmica, e sobre a identidade e a visibilidade profissional do bibliotecário e do cientista da informação; quanto ao objetivo do projeto mais amplo, trata-se de estudo exploratório, em que o tratamento e análise da literatura encontrada poderá oferecer uma compreensão daquilo que propõe ou interpreta nos aspectos referentes à identidade e visibilidade profissional, bem como os reflexos no reconhecimento social das respectivas profissões.

Essa abordagem metodológica fundamenta-se no propósito de se compor uma base teórico-metodológica de caráter fenomenológico, com ênfase na construção social da realidade (BERGER; LUCKMANN, 1985; SCHUTZ, 1979) e, somando-se a essa, outra perspectiva instigante: o (re)configuracionismo ou processualismo de Elias (1993), e, também, uma fundamentação em representações sociais que busca Moscovici (2003) e Durkheim (2003), pela sustentação psico-

¹ O tema do XXVIII ENEBD, realizado de 24 a 30 de julho de 2005, em Belém, PA, no qual o autor deste artigo apresentou uma reflexão sobre a questão da Identidade e Visibilidade Profissional, foi "A popularização do profissional da informação: como fazer nossa profissão ser conhecida e reconhecida".

sociológica, tendo como fulcro identificar as idéias expressas ou as representações que os homens fazem em torno das experiências produzidas a partir da interação social, por um lado e, por outro, do significado social que essas idéias têm. Adicionalmente, um instrumental que auxilia na captação e tratamento dos dados (discursos obtidos, de viva voz ou a partir de registros pré-existentes) é a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, que representa a adoção da estratégia concebida por Fernando Lefevre e Ana Lefevre (2000, 2003).

O objetivo deste artigo é a exposição da análise realizada no decorrer do projeto global, até este momento, considerando as questões atuais da formação profissional, a visibilidade social, identidade e reconhecimento social da Biblioteconomia e da Ciência da Informação e de seus profissionais.

2 FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO E DO CIENTISTA DA INFORMAÇÃO: QUESTÕES ATUAIS

A formação dos Profissionais: Bibliotecário e Cientista da Informação se encontra nestes últimos anos à mercê de interpretações as mais diversas e apoiando-se em contribuições as mais distintas, levando então a uma pergunta de base que pode ser traduzida por: Quais as questões atuais relacionadas à formação? Nos termos em que se discutiu até aqui, tratou-se desses profissionais como: formado com graduação na Biblioteconomia, para atuar na execução técnico-gerencial ou formado em Ciência da Informação, para atuar na realização de pesquisa, aí incluídos o ensino em Biblioteconomia e em Ciência da Informação.

Uma análise muito rápida em parte da literatura periódica ou avulsa mais recentemente publicada na Internet, no formato de arquivos abertos em Ciência da Informação e Biblioteconomia no Brasil, pode oferecer uma breve visão sobre este tema que, em certos textos reúne os dois grupos profissionais sob a denominação geral: Profissionais da Informação.

Começa-se pela revisão realizada por Ohira e Prado (2004), consolidada no artigo "Profissional da informação no limiar do século XXI: enfoque nos periódicos brasileiros em biblioteconomia e ciência da informação (1995/2002)". Ali, após uma análise sobre a produção de oito anos, as autoras verificaram que "no Brasil, as maiores reflexões sobre o tema Profissional da Informação aconteceram a partir do ano de 1995". De outro lado,

as autoras constataram e afirmam no mesmo texto (OHIRA; PRADO, 2004) que os conhecimentos e habilidades de profissionais de informação giram em torno de cinco grandes áreas: *Gestão e administração da informação; Tratamento da informação; Tecnologia da Informação; Atendimento e interação com o Usuário; Atitudes e qualidades pessoais* e acima de tudo, na contribuição que o profissional pode oferecer para a resolução de problemas. Em relação à *análise temática das funções e atribuições do profissional da informação*, as autoras observaram que a atuação dos profissionais aparece concentrada em cinco funções primordiais do ciclo documentário ou informacional que são: "seleção, descrição, interpretação, disseminação e preservação dos documentos e das informações" (OHIRA; PRADO, 2004).

Essa relativa distância entre os *conhecimentos e habilidades* que o profissional deve possuir e, portanto, adquirir no processo de formação acadêmica e as *funções e atribuições* que o profissional deve cumprir parece estar na raiz da discussão sobre a visibilidade e identidade profissionais, ou seja, dá base para as questões: *Quem somos? e O que fazemos?*

Partindo da síntese produzida por Ohira e Prado (2004), pode-se localizar em alguns outros textos, aparecidos a partir de 2002, que uma das cinco grandes áreas que a literatura destaca, dentre *conhecimentos e habilidades* que o profissional da informação deve ter adquirido e dominar é precisamente a composta pelas "*Atitudes e qualidades pessoais*". Esses textos, nessa grande área, têm levado a uma análise da formação do Profissional da Informação por três vieses: a) do profissional como empreendedor; b) do profissional atento à responsabilidade social; c) do profissional com atitude de flexibilidade a mudanças. Além deles, também são encontrados textos cujas ênfases estão na capacitação do profissional para atuar como gestor de informação e com as tecnologias da informação.

Os textos destacados para análise desta problemática apontam para quatro *perspectivas* de formação, as quais representam posições a serem consideradas na discussão sobre a preparação de profissionais de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Sob a *perspectiva da formação de profissionais da informação empreendedores*, Cardozo e Barbosa (2004), após estudarem a formação do profissional bibliotecário no Curso de graduação em

Biblioteconomia e Documentação do Instituto de Ciência da Informação/UFBA, dizem que ali não se dá qualquer destaque ao tema empreendedorismo e, assim, que: “o curso não desperta o alunado para a necessidade de se preparar para atuar de forma autônoma no mercado, criando assim uma visão e uma cultura empreendedora.”

Sob outro ângulo, tomando a *perspectiva da formação de profissionais da informação voltados para atitudes de responsabilidade social*, análise de Castro e Ribeiro (2004) traz a posição dos autores de que é fundamental se entender que a educação dos profissionais em formação e daqueles que se encontram no mercado de trabalho deva dar-lhes a preparação para “os problemas do mundo e dos antagonismos existentes, a fim de não tomar os discursos que tratam da sociedade da informação como absolutos e unilaterais, portanto, distanciados da realidade global e contextual”.

Outra perspectiva, a *da formação de profissionais da informação voltados para atitudes de flexibilidade a mudanças*, está presente em texto de Milanesi (2002), que inicia afirmando o seguinte:

Se neste final de século a Biblioteconomia está vivendo uma crise que não permite prever qual será o seu desfecho, como pensar em bibliotecários para o século XXI? Não é mais possível traçar uma seqüência lógica que permita, com segurança, prever rumos novos [...].

Embora esses textos dêem acento às atitudes pessoais como foco para chamar a atenção na formação do bibliotecário, não deixa de ganhar presença a *Gestão da Informação* e as *Tecnologias da Informação* como temas que ocupariam lugar nas preocupações da formação acadêmica.

Assim, sob a *perspectiva da formação de profissionais da informação voltados para as Tecnologias da Informação*, Walter (2005) questiona o tom que a literatura por ela tratada apresenta:

A literatura que trata da formação profissional dos bibliotecários e arquivistas costuma ter um tom alarmista e catastrófico de alerta para os perigos de não saber lidar com as tecnologias de informação sob pena e risco de sucumbirem por desinteresse do mercado [...].

Uma perspectiva a mais, a *da formação de profissionais da informação voltados à Gestão da Informação*, tem no texto de Silva e Cunha (2002) a

afirmação de que “O papel mais importante do bibliotecário no século XXI parece ainda ser o de gerenciador da informação [...]”.

Em uma síntese dessas posições, pode-se dizer que as questões atuais relacionadas à formação do profissional bibliotecário e cientista da informação perpassam por sua capacitação para responder a problemas práticos e teóricos que se produzem em: *Gestão e administração da informação, Tratamento da informação, Tecnologia da Informação, Atendimento e interação com o Usuário* e as que afetam sua próprias *Atitudes e qualidades pessoais*. Contudo, pode-se compreender que o levantamento dos temas atinentes às *Atitudes e Qualidades Pessoais* mantém mais conexão sócio-psicológica, de valor explicativo, para a busca de formação que ofereça base para as competências investigadoras, que as demais. De outro lado, *Conhecimentos e habilidades em Gestão e administração da informação, Tratamento da informação, Tecnologia da Informação e Atendimento e interação com o Usuário* mantêm mais conexão sócio-psicológica, de valor explicativo, para a busca de formação que forneça base para as competências que levam a uma atuação profissional técnico-executiva. É nesse ponto que a realidade socialmente construída pelo, para e conjuntamente com o profissional bibliotecário e cientista da informação no Brasil se encontra difusa ou está embaralhada. E por ser assim, traz para o interior da formação acadêmica, no âmbito dos projetos pedagógicos, currículos e práticas de ensino e pesquisa, e não as resolve, as questões da identidade e as angústias da visibilidade profissional e, por conseguinte, afeta também o reconhecimento social da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

Fica claro que as questões atuais a exigir a ampliação da reflexão e o encaminhamento de respostas se concentram mais no âmbito das *Atitudes e qualidades pessoais* que bibliotecários e cientistas da informação devem ter e, dentre estas, a maior carga de seus esforços deve ser de natureza política, envolvendo: capacidade de comunicação, de persistência, de responsabilidade social, de flexibilidade para aceitação de mudanças de atitudes e (re)valorização cultural dos saberes próprios da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Aparentemente não há concordância de todos os autores em relação a essas características. Contudo, buscando o fundamento sócio-histórico em Elias (2003), a partir das noções de processo e (re)configuração social, vê-se que são elas que tornam possível compreender-se as

mudanças que constantemente atingem as sociedades em macro-escala, como na situação mundial hoje.

3 VISIBILIDADE SOCIAL DO BIBLIOTECÁRIO E CIENTISTA DA INFORMAÇÃO E FATORES RELEVANTES PARA FIXAR AS PROFISSÕES

Em 1935, Ortega y Gasset (2006), em seu discurso *Misión Del Bibliotecário*, afirmava no tópico *El libro como conflicto* que “Os atributos negativos mais fortes hoje percebidos no livro são:

1º Já há livros demais;

2º Além de já haver livros demais, eles continuam a ser produzidos torrencialmente;

3º Diante disso, o bibliotecário do futuro terá que orientar o leitor não especializado na selva indomável de livros e ser o médico e o sanitarista de suas leituras. Assim, a missão do bibliotecário haverá de ser não a simples administração do livro, mas o ajuste, a eficácia da função vital que é o próprio livro.

Um pouco antes dessa Conferência de Ortega y Gasset na Espanha, Butler (1971), em 1933, nos Estados Unidos, alertava para a necessidade do bibliotecário estar intelectualmente preparado para cumprir a missão que está refletida na fala do filósofo ibérico. Segundo ele, para isso, era necessário ao bibliotecário deter conhecimento mais amplo, que envolveria bases filosóficas, sociológicas, Históricas e Psicológicas.

Olhando a partir do mundo deste início de século XXI, há mais de setenta anos da fala de Ortega y Gasset e do livro de Butler, dá para fazer um balanço e ver que a missão proposta por Ortega y Gasset e a competência intelectual sugerida por Butler, ultrapassam-se pelo volume de publicações produzidas.

Estudo de Earp e Kornis, realizado em 2005, mostra que há uma cada vez maior produção impressa, no mundo e no Brasil, envolvendo enormes cifras e mesclando vários suportes materiais. Dados divulgados em outras fontes também permitem conhecer o volume de materiais disponíveis e em crescente geração e difusão. Por exemplo, o Escritório de *copyright* dos Estados Unidos da América (2005), mostra que do ano de 1790 até o ano de 2004, naquele país, foram registrados 31.460.493 (Trinta e hum milhões,

quatrocentos e sessenta mil e quatrocentos e noventa e três) documentos em vários suportes e formatos e que apenas em 2004 o número de registros foi de 661.469. Os dados Agência Internacional do ISBN (2006) mostram que nos anos de 2003-2004 havia em âmbito mundial mais de 628.000 editoras registradas. A ARL - Associação de Bibliotecas de Pesquisas dos Estados Unidos e Canadá (2006), que reúne mais de 120 grandes bibliotecas universitárias, mostra que em 2004, as 10 principais bibliotecas em tamanho de acervo, que dela fazem parte, detinham conjuntamente uma coleção cujo tamanho era superior a 97.000.000 (noventa e sete milhões) de volumes de livros e que havia, em média, 73.000 coleções de publicações seriadas em cada uma; e que esse mesmo conjunto de bibliotecas acrescentou em 2004 mais de 2.000.000 (dois milhões) livros em relação ao ano anterior. Se, por contraste, for olhado o quadro brasileiro, tomando-se apenas o total de volumes de livros existentes no acervo das 3.259 bibliotecas universitárias brasileiras, em 2002, conforme censo do INEP (2006), tem-se pouco mais de 32.000.000 (trinta e dois milhões) de livros com títulos diferentes ou pouco mais de 68.000.000 (sessenta e oito milhões) de exemplares, o que representa parcela do total de acervo existente apenas nas dez primeiras Bibliotecas de Pesquisa dos Estados Unidos e Canadá, vinculadas à ARL.

Dos números acima apresentados, pode-se extrair a visão de outro fenômeno a merecer reflexão, considerando, especialmente, o quadro brasileiro quanto à presença de bibliotecários no exercício de tarefas técnico-executivas: trata-se da *baixa quantidade de profissionais* capacitados em técnicas adequadas e dedicados a fornecer o acesso à informação documental armazenada. Estudo de Loureiro e Jannuzzi (2005) mostra esta distância quando comparam Brasil e Estados Unidos, por exemplo. Tomando como indicador o número de profissionais por cada 100.000 habitantes, em 2002, no Brasil são aproximadamente 6 bibliotecários para cada grupo deste tamanho e nos Estados Unidos são 57, isto é, nos Estados Unidos há, proporcionalmente, quase dez vezes mais bibliotecários que no Brasil.

Por este quadro, que expressa uma simples comparação do potencial de presença do bibliotecário na sociedade e, portanto, de visibilidade profissional, cabe perguntar se o Brasil já se integrou à festejada Sociedade da Informação? Se, como muitos insistem % Castells (1999), por

exemplo % mudou o eixo de produção econômica que, pelos padrões atuais, tem densidade de movimento acentuado pela produção de conhecimento, talvez no Brasil ainda não se tenha feito as adaptações requeridas para a sua presença nesse novo mercado. Se esta fosse a realidade, se esse mercado fosse importante para o Brasil, então o pessoal dedicado às bibliotecas, para olhar apenas um setor, provavelmente já teria se multiplicado na mesma proporção ou próximo daquilo que teria ocorrido com a instalação e crescimento dessa matriz econômica e, nesse caso, certamente, bibliotecários e cientistas da informação poderiam estar mais visíveis para a sociedade.

O que se pode extrair é que a visibilidade social de bibliotecário e cientista da informação tem relação direta, sobretudo, com o modo como a sociedade está organizada economicamente (pelo tamanho e pela complexidade de produção de bens e serviços). Fatores econômicos % quando articulados com muitos investimentos em educação, e que induzam a sociedade a ser cada vez mais leitora e produtora de muito mais literatura e registros escritos e a deter grandes acervos documentários % certamente, fixarão melhor a necessidade das profissões e dos bibliotecários e cientistas da informação. Em sociedades como a brasileira, semi-letrada, com produção econômica *per capita* beirando o estado de indigência, com um sistema universitário dominado por mercenários da Educação, com um acervo total no conjunto das Instituições de Ensino Superior do País que fica quantitativamente (nem se fale em qualidade!) à margem do que existe em países que comandam a economia global, pode-se pensar, então, que, no Brasil, é quase um milagre econômico contar-se hoje com meios materiais e intelectuais para a formação acadêmica de bibliotecários e cientistas da informação e com acolhimento social que assegura um mercado de trabalho e emprego para esses profissionais.

Nesse caso, dá para aceitar que a visibilidade social do bibliotecário e cientista da informação brasileiro é muito boa, se for considerado que existe na proporção de 6 (seis) indivíduos para cada grupo de 100.000 (cem mil) habitantes. O que falta, talvez, para se ampliar essa visibilidade, é um esforço maior desses profissionais no sentido de se articularem e agirem com um projeto político consistente para, por exemplo, dobrarem de número em dez anos. O tempo que hoje é gasto para o auto-flagelo e mútuas acusações sobre quem é

bibliotecário e cientista da informação talvez pudesse ser melhor aproveitado em benefício das categorias profissionais envolvidas e no enriquecimento político-pedagógico das instituições formadoras dessas categorias.

4 A IDENTIDADE DO BIBLIOTECÁRIO E CIENTISTA DA INFORMAÇÃO

A discussão que toma a identidade profissional como o problema a ser compreendido coloca a questão *Quem somos?* A resposta a esta questão tem sido cada vez mais cobrada dos próprios bibliotecários. Esse debate transmite, em várias circunstâncias, duas possíveis idéias: a) o bibliotecário tem uma completa ignorância de que sua imagem profissional é construída na interação social, por um processo de objetivação da realidade, assimilada como valor e então subjetivada e expressa como representação e, portanto, manifestando a percepção social que o próprio bibliotecário tem do valor do papel que exerce na sociedade e b) a sociedade não precisa da presença desse bibliotecário; ele é um impostor.

A compreensão teórica dessa questão exige tanto noções da sociologia do conhecimento, pelo caminho da percepção de como a realidade é socialmente construída, quando da psicossociologia que possa mostrar como o indivíduo processa cognitivamente seus valores, interpreta-os como compreensão de mundo, atribui-lhes significado social e afirma seu lugar no mundo.

A propósito, essa trajetória que vai da objetivação para a subjetivação e que retorna para a objetivação, como processo circular, tem uma relação muito forte com a socialização dos indivíduos. Não diferente de quaisquer outros membros da sociedade, o indivíduo que é portador, dentre os seus papéis sociais, do papel, seja bibliotecário ou de cientista da informação, passou por dois momentos de sua integração ao mundo humano, se tomarmos a sociologia de Berger e Luckmann (1985) para fundamentar esta análise. O primeiro momento foi o da socialização primária, a qual se dá no ambiente em que o indivíduo inicia sua vivência na sociedade, que é o ambiente da família. Ali ele começa a receber as instruções e a assimilar regras e modos de ser e agir na convivência com os outros indivíduos que compõem seu ambiente próximo. O segundo momento é o da socialização secundária, que ocorre no ambiente institucional, sendo a escola, no caso

da tradição ocidental dos últimos quatrocentos anos, o ponto de acesso mais imediato que o indivíduo tem para vivenciar outras experiências estruturantes de seu conhecimento e personalidade. No caso desta reflexão, esta fundamentação representa boa base de sustentação na medida em que se está discutindo a partir de sujeitos que dependeram da passagem pela escola institucionalizada para fazerem-se profissionais.

Pode-se afirmar que esses dois momentos da socialização humana também têm outro tipo de articulação com a realidade. Pela socialização primária, todos são formados, e se formam, para o ambiente das relações proximais, afetivas e de organização de valores morais que permitem uma relação humana com a realidade. Pela socialização secundária, todos são formados para o ambiente das relações do trabalho. Na escola, por exemplo, o indivíduo passa a ter a noção de gestão de tempo, de valor econômico do trabalho, de valor econômico do produto do trabalho, da limitação da liberdade por regras construídas num mundo mais amplo que o mundo da família, da necessidade, sob pena de punição, de respeitar signos, símbolos e convenções que não correspondem aos valores atribuídos no ambiente familiar, etc. Esses e vários outros aspectos da socialização secundária vão produzindo a noção de um *Quem somos?* que ultrapassa a simples objetivação das práticas profissionais. Enquanto práticas profissionais, ou expressão de papéis sociais, essas se colocam no mundo econômico e do trabalho como capital simbólico de grupos de interesses, como corporações. Esse mundo econômico e do trabalho também abrigará outros grupos de interesse que formaram seus próprios valores, a partir da socialização secundária que lhes permitiu recortar seu espaço como instituição: a instituição dos bibliotecários e cientistas da informação, como as demais, em outras profissões, é objetivada por meio de: escolas, associações, código de ética, conhecimento disciplinar formal, práticas de trabalho, veículos de comunicação científica, etc. Então essa instituição está disputando, num mesmo espaço social, a excelência de sua existência, o reconhecimento de seu valor. Isso faz com que, então, essa identidade seja uma construção cotidiana. A identidade, sendo fruto da interação social, no grupo e com os demais grupos, é também um processo de competição. Não está definitivamente dada! Em outros termos, não existe essa identidade como um bem ou como algo palpável e definitivo. Contudo, a percepção de sua existência está dentro de cada

portador do papel profissional, que busca reconhecê-la nas manifestações diárias de seu trabalho, de como ele se distingue do trabalho realizado por outros profissionais, da valorização que ele tem expressa pela média de remuneração obtida em um mercado de trabalho, etc. Portanto, ela existe como uma representação em cada profissional, numa espécie de auto-imagem.

Em 1983, Oliveira publicou um trabalho pioneiro sobre este tema, de grande valor para a compreensão da auto-imagem que os bibliotecários tinham então. Sem reduzir seu valor e importância como pesquisa e entendimento do contexto, o trabalho tinha um problema de origem, decorrente de seu viés positivista, manifesto já em seu capítulo 1:

O presente trabalho pretende traçar uma auto-imagem do bibliotecário, com o objetivo de gerar dados confiáveis, precisos e específicos para subsidiar as Associações, Escolas de Biblioteconomia e profissionais interessados em definir os rumos e a força do futuro trabalho bibliotecário, como também em fortalecer a imagem do profissional perante a comunidade (OLIVEIRA, 1983, p. 2).

Em seu processo de investigação a autora utilizou-se, para a coleta e validação dos dados, de um longo questionário. Em suas conclusões, ela aponta que:

Os resultados da pesquisa identificaram quatro fatores influentes nas atitudes profissionais dos bibliotecários: a natureza do trabalho, o salário, o comportamento profissional e a auto-estima profissional (OLIVEIRA, 1983, p. 68).

Pelo que se vê, esses quatro fatores estão ligados aos processos de socialização secundária, formação de hábitos, ou de institucionalização: o trabalho, o salário, a atuação pessoal no espaço de trabalho e a valoração pessoal dada ao trabalho e, por isso, a partir dos papéis que cumprem como profissionais.

Segundo Berger e Luckmann (1985) os papéis e a objetivação se constituem dentro do mesmo processo que origina as instituições:

Logo que um estoque comum de conhecimento, contendo tipificações recíprocas de conduta, está em processo de formação aparecem os papéis e esse processo [...] Para acumular o conhecimento de papéis específicos uma

sociedade deve ser organizada de tal maneira que certos indivíduos possam concentrar-se em suas especialidades [...] os especialistas tornam-se administradores dos setores do cabedal do conhecimento que lhes foi socialmente atribuído [...] uma importante parte do conhecimento geralmente significativo é a tipologia dos especialistas. Enquanto os especialistas são definidos como indivíduos que conhecem suas especialidades, qualquer pessoa deve saber quem são os especialistas no caso de precisarem deles (BERGER; LUCKMANN, p. 104-8).

Nessa teorização social está configurada a identidade. O *Quem somos?* depende em parte da pessoa leiga ter a consciência de que sabe, reconhece e legítima, no caso desta discussão, o bibliotecário ou cientista da informação e, além disso, distinguiria, dentre eles, quem é o Bibliotecário e quem é o Cientista da Informação. Contudo, essa identidade no caso brasileiro depende de condições estruturais que a sociedade ainda não garante totalmente, até pelo fato de estar na periferia do sistema econômico global. Por exemplo, não se garante escolarização para todos; não se garante qualidade educacional, no mesmo patamar, para quem está na escola e em ambientes geográficos ou sociais distintos; não se garante a presença dos meios de reforço e estímulo ao aprendizado, como a oferta de bibliotecas, com bons acervos presenciais ou à distância em todas as escolas; não se garante a presença de bibliotecas públicas em todos os municípios ou em todos os bairros de uma cidade; não se investe em pesquisa básica que dependa de bons e amplos acervos bibliográficos presenciais ou a distância, não se garante a inclusão digital para quem está em idade escolar, etc. Nestas circunstâncias, são poucas as pessoas que formaram e formarão proximamente os hábitos de estudo e de uso de informação e que saibam ou saberão da existência de especialistas em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Esse desconhecimento lhes impede de recorrer a eles em caso de precisarem, até porque muitos não sabem distinguir o momento em que uma necessidade desta natureza se estabeleceria e, portanto, um dos pilares sociais de identificação não está e não estará ainda bem formado.

Se a identidade se dá na interação, se ela se forma a partir de papéis sociais, portanto, de institucionalização, se ela se legitima ao constituir grupos de especialistas distintos, portanto,

estabelecer leigos em seu campo de domínio, ela é também passível de ser alterada. A teoria também prevê a reinstitucionalização ou até mesmo a desinstitucionalização quando novas condições se estabelecem na sociedade. No momento, o que se tem no Brasil? Um caos em torno da definição de quem é bibliotecário ou cientista da informação. Isso configura uma desinstitucionalização da Biblioteconomia e a conseqüente institucionalização da Gestão da Informação ou outra coisa qualquer, por exemplo? Não parece! O que parece é que se está vivendo os efeitos da má interpretação e da importação descuidada nos anos 1990 do nome *Moderno Profissional da Informação*. E há muitas evidências nesse sentido: uma delas, por exemplo, é que muitas das instituições de base da Biblioteconomia (Escolas, Associações, etc) se redenominaaram, mas sem mudanças estruturais de porte. Assim, joga-se com uma falsa crise de identidade profissional, quando a questão passa por outros aspectos já mencionados: o pequeno número de profissionais, uma sociedade ainda semi-escolarizada e semi-informatizada, uma sociedade que não percebe, conscientemente, a presença dos poucos bibliotecários ou cientistas da informação já existentes e não distingue as diferenças de sua atuação, etc.

5 RECONHECIMENTO SOCIAL DA BIBLIOTECONOMIA E DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Quando se toma o reconhecimento social da Biblioteconomia e Ciência da Informação como um problema a ser compreendido coloca-se a questão *Que fazemos?* Ou seja, quais são as práticas de trabalho ou de estudo desenvolvidas? Onde são praticadas? Que retorno elas oferecem, concretamente, para o cotidiano das pessoas? O que justifica para a sociedade remunerar a execução dessas tarefas? São essas algumas das perguntas que permitem a busca de uma compreensão sobre o grau em que se dá esse reconhecimento.

Pode-se começar perguntando, como item preliminar, o que significaria o reconhecimento social dos campos de saber Biblioteconomia e Ciência da Informação?

Reconhecimento social de campo de saber parece ter conexão direta com visibilidade social profissional e com identidade social profissional, pelo fato de que são os saberes teóricos, produzidos pela consolidação e transformação das práticas, ou os saberes científicos, produzidos com o emprego

de estratégias exploratórias ou experimentais sob critérios de verificação de confiabilidade, de explicação ou de compreensão, que dão suporte para o exercício profissional e, por isso, para assegurar um ponto de partida aceitável para sua visibilidade social e identidade profissional.

Nesta discussão, apresentada neste texto até aqui, partiu-se do entendimento que a visibilidade social de uma profissão é um fator que depende de que a sociedade tenha alcançado certo estágio de desenvolvimento econômico que a impulse a demandar mais atenção profissional de executores de práticas decorrentes das competências específicas de certas especialidades e menos atenção profissional de executores de práticas que poderiam ser ofertadas por outras especialidades. No caso brasileiro, parece que ainda são pouco requeridas as práticas desenvolvidas pela profissão de bibliotecário e pelo cientista da informação. O próprio fato de a economia brasileira ser periférica em relação ao movimento econômico global é um fator importante para essa restrição.

Isso mostra que, de certa maneira, o fator visibilidade é afetado por questões externas que se sobrepõem às categorias profissionais. Por ser conexo ao fator identidade, o fator visibilidade pode afetar aquele. De outro lado, o fator identidade é menos afetado por circunstâncias externas às profissões. Isso significa que muitos dos problemas identitários nas profissões se estabelecem a partir das percepções e, por isso, das representações que os profissionais fazem do valor de sua participação na sociedade.

Em ambas as circunstâncias, os profissionais que atuam nas profissões requerem das teorias e das ciências que dão base a essas profissões que não apenas apresentem um conhecimento instrumental de que necessitam para vender e, com isso, prover renda a seus executores, mas que apresentem a produção de um certo conhecimento explicativo e compreensivo da existência e lugar na sociedade, tanto da profissão em si, quanto dos profissionais que exercitam os papéis singulares que os colocam como distinguíveis no ambiente social. Assim, o reconhecimento dessas ciências não se dá apenas por produzir o conhecimento para uma das situações senão para ambas. Desse modo, de uma perspectiva epistemológica, ou da própria sociologia do conhecimento, o reconhecimento da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, no caso em estudo, está a depender tanto da produção de saber técnico-gerencial quanto da produção de saberes que fundamentam social, psicológica,

econômica e politicamente o profissional e a profissão. Aqui a discussão busca apoio tanto em Elias (1993), Ortega y Gasset (2006) e Butler (1971), quanto nos sociólogos das profissões como Freidson (1998). De outro lado, também se buscam todos os discursos sobre a constituição dos dois campos. Nesse sentido, valeria destacar um trabalho recente, de Almeida (2005), que estuda o pesquisador em Ciência da Informação no Brasil, particularmente, naquilo que pensa, como representação social, sobre como a sociedade vê esta ciência. Nos discursos dos respondentes do estudo, particularmente, dos discursos emitidos a partir da pergunta *“o que significa o campo da ciência da informação para a sociedade brasileira”*,

alguns respondentes argumentaram que o campo quase não tem significado para a sociedade brasileira, e muito menos é valorizado pelos grupos que estão à frente das decisões políticas e científicas, mas, principalmente, pela população em geral (ALMEIDA, 2005, p. 278).

Independentemente de quaisquer outras avaliações, pode-se observar, a partir deste resgate do texto recém-referido, que membros da comunidade científica da ciência da informação estão os primeiros a aceitar a idéia de que a sociedade brasileira tem uma atitude de não reconhecimento dessa ciência. Se esta avaliação ocorre dentro do campo que tem sido tomado como o *“mais valorizado”* dentre os dois aqui discutidos, como ficará, então, a Biblioteconomia? De outro lado, o que, de fato, se faz, se o que é produzido pouco parece interessar à sociedade e, mais que isso, não *“é valorizado pelos grupos que estão à frente das decisões políticas e científicas”*? Por fim, o que se faz, no Brasil, com a idéia de visibilidade social profissional e identidade social profissional na profissão de bibliotecário e nas práticas do cientista da informação?

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão até aqui realizada partiu da noção de formação acadêmica como ponto de partida para o exercício profissional. Levou em consideração que a profissão de bibliotecário e as práticas do cientista da informação, deveriam ser tratadas como projetos político-pedagógicos sob uma dupla abordagem: da preparação de pessoal para atuar num ambiente profissional que demanda habilidades técnico-gerenciais (a formação

graduada em Biblioteconomia) e da preparação de pessoal para atuar num ambiente profissional que demanda habilidades investigação (a formação pós-graduada em Ciência da Informação). Esses campos de conhecimento, então, darão base, respectivamente, à existência social do Bibliotecário e do Cientista da Informação, compondo o que poderia vir a ser designado pela expressão profissões da informação.

No desenrolar da análise foram tratados aspectos relativos a questões atuais da formação do profissional bibliotecário ou cientista da informação e chegou-se à percepção de que estas se desenvolvem em ambientes ou nas relações onde se dão ou ocorrem: *a Gestão e administração da informação, o Tratamento da informação, o uso de Tecnologias da Informação, o Atendimento e interação com o Usuário* e as que afetam *as Atitudes e qualidades pessoais que compõem a personalidade do Profissional da Informação*.

Sob a perspectiva da atuação em si, fato que vem na seqüência da formação acadêmica de todos os profissionais, surgem três aspectos que são demandas manifestadas em eventos e encontros profissionais e estudantis e por isso foram tratados nesta discussão: a) visibilidade social do bibliotecário e cientista da informação e fixação das profissões; b) identidade profissional do bibliotecário e do cientista da informação e; c) reconhecimento social da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Os três aspectos são conexos, na medida em que a visibilidade do profissional interfere e sofre interferências da própria forma como o bibliotecário e o cientista da informação se enxerga e toma posição na sociedade, e isso exige que os conhecimentos empregados façam sentido para si, como profissional, e para quem os contrata e remunera seu desempenho e o conteúdo do trabalho que executa.

Nesta discussão, pôde-se perceber que a visibilidade social do bibliotecário e do cientista da informação tem relação com fatores econômicos, passando pela educação, leitura, produção de informação em grande escala e disponibilização de grandes acervos presenciais ou a distância, o que termina por ser insuficientemente atendido em sociedades que vivenciam profundas carências econômicas e sociais, como a brasileira, e interfere negativamente na constituição e fixação das profissões.

No Brasil, no que tange à identidade profissional, especialmente do bibliotecário,

espalhou-se um certo temor de que estivesse ocorrendo uma desinstitucionalização. Em parte, esse sentimento tem como causa aparente as condições de disponibilização e utilização de tecnologias atuais de comunicação e informação, as quais ingressaram com muita força nas grandes bibliotecas universitárias nos anos 1990 e se espalharam de forma progressiva pelo país. De outro lado, a publicação de um certo número de artigos e a apresentação de trabalhos em seminários e congressos bibliotecários passou a divulgar a existência de um chamado moderno profissional da informação (MIP, na sigla inglesa) que seria a face “moderna” do bibliotecário. Em função do contexto sócio-econômico e político e em função do discurso da globalização pareceu, por alguns anos, que estaria se apresentando um quadro de superação institucional da Biblioteconomia com uma conseqüente institucionalização da Gestão da Informação ou campo assemelhado. Passado um pouco essa etapa inicial, de quase uma década, percebe-se que a virtual desinstitucionalização da biblioteconomia, se ocorrer, não dar-se-á com a urgência propalada pelos discursos do MIP e, portanto, que a crise de identidade profissional do bibliotecário tem seus próprios e outros motivos e não estaria vinculada diretamente ao nome da profissão e nem tampouco ao nome do campo de conhecimento que a sustenta teoricamente. Essa crise guarda conexão com as próprias condições sócio-econômicas do Brasil e tem expressão numa realidade a ser superada com trabalho e maior participação nos vários espaços que a sociedade possa dispor para a atuação do bibliotecário.

Por fim, tudo isso leva ao entendimento de que o reconhecimento do bibliotecário e do cientista da informação, de suas profissões e das ciências que as sustentam não depende da percepção “iluminada” de que os nomes Biblioteconomia e Bibliotecário deixaram de ser adequados para designar o que os profissionais sabem e fazem. O que, possivelmente, precisa continuar a ser realizado, cada vez mais, com maior ação e envolvimento, é a requalificação da ação política, a ampliação do número de estudantes nos cursos que preparam para a atuação nas profissões de bibliotecário e cientista da informação e a ampliação do número de profissionais qualificados que as praticam. Além disso, é necessário fiscalizar as práticas profissionais no sentido de orientá-las a se tornarem mais visíveis e motivadoras de interesse daqueles que se determinaram a remunerar sua execução.

THE ACADEMIC QUALIFICATION OF LIBRARIANS AND INFORMATION SCIENTISTS AND ITS VISIBILITY, IDENTITY AND SOCIAL RECOGNITION IN BRAZIL

ABSTRACTS

It presents an analysis of the academic qualification, the identity and the professional visibility of the librarian and the information scientist, based on the Brazilian literature in Library and Information Science. With this analysis it presents an understanding of what this literature considers or interprets concerning the social identity and professional visibility, which are two central topics in the recent speech of the professionals of these fields. Moreover, it exposes the way this literature considers, interprets or reflects on the social recognition of the librarian and information scientist's work.

KEYWORDS

LIBRARIAN
INFORMATION SCIENTIST
ACADEMIC QUALIFICATION
SOCIAL VISIBILITY
PROFESSIONAL IDENTITY
SOCIAL RECOGNITION

Artigo recebido em 14.03.2006 e aceito para publicação em 13.06.2006

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos Cândido de. *O campo da ciência da informação*. 2005. 395 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. Disponível em: <http://150.162.90.250/teses/PCIN0003.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2006.

ARL - Association of Research Libraries. *ARL Statistics*. Disponível em: <http://www.arl.org/stats/arlstat/>. Acesso em: 23 fev. 2006.

BERGER, P. I.; LUCKMANN, Th. *A construção social da realidade*; tratado de Sociologia do conhecimento. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BUTLER, Pierce. *Introducción a la biblioteconomía*. México, DF; Pax-México, 1971.

CARDOZO, Tavita R. B.; BARBOSA, Marilene L. A. *Políticas informacionais e práticas pedagógicas para a formação do bibliotecário-empendedor*. 2004. Disponível em: [http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bte/bte.nsf/ED101D0C62A79DE103256F08007968E2/\\$File/NT0009643A.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bte/bte.nsf/ED101D0C62A79DE103256F08007968E2/$File/NT0009643A.pdf). Acesso em: 20 fev. 2006.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 3.

CASTRO, César A.; RIBEIRO, Maria S. P. As contradições da sociedade da informação e a formação do bibliotecário. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 1, n. 2, p. 41-52, 2004.

CBO 2002 – Classificação Brasileira de Ocupações. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/busca.asp>. Acesso em: 23 fev. 2006.

DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

EARP, Fabio S.; KORNIS, G. *A economia da cadeia produtiva do livro*. Rio de Janeiro: BNDES, 2005. 175 p. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/conhecimento/ebook/ebook.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2006.

ELIAS, N. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 2 v.

FREIDSON, E. *Renascimento do profissionalismo: teoria, profecia e política*. São Paulo: Ed. USP, 1998.

INEP. *Informativo - bibliotecas*. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/download/informativo/2004/BIBLIOTECAS.xls>. Acesso em: 21 fev. 2006.

INTERNATIONAL ISBN AGENCY. Disponível em: <http://www.isbn-international.org/en/directory.html>. Acesso em: 23 fev. 2006.

- LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Caxias do Sul: EDUCS, 2003.
- LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C.; TEIXEIRA, J. J. V. (Org.). **O discurso do sujeito coletivo**: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.
- LOUREIRO, Mônica de F.; JANNUZZI, Paulo de M. Profissional da informação: análise da inserção no mercado de trabalho brasileiro segundo dados do censo demográfico de 2000. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6. Florianópolis, 2005. *Anais...* Florianópolis, UFSC/PGCIN, 2005. 1 CD.
- MILANESI, Luiz. A Formação do Informador. *Revista Informação & Informação*, v. 7, n. 1, jan./jun. 2002.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2003.
- OHIRA, Maria L. B.; PRADO, Noemia S. Profissional da informação no limiar do século XXI: enfoque nos periódicos brasileiros em biblioteconomia e ciência da informação (1995/2002). *Encontros Bibli*: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 17, 1. sem. 2004. Disponível em: <<http://www.encontros-bibli.ufsc.br/sumario.htm>>.
- OLIVEIRA, Zita C. P. de. **O bibliotecário e sua autoimagem**. São Paulo: Pioneira, 1983.
- ORTEGA Y GASSET, José. **Misión del bibliotecário**. Disponível em: <<http://www.cddhcu.gob.mx/bibliot/publica/libros/mision/indiceco.htm>>. Acesso em: 23 fev. 2006.
- SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SILVA, Edna L. da; CUNHA, Miriam V. da. A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas". *Ciência da Informação* [online], v. 31, n. 3, p. 77-82, set./dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652002000300008&lng=en&nrm=isso>. Acesso em: 23 fev. 2006.
- UNITED STATES Copyright. Disponível em: <<http://www.copyright.gov/reports/annual/2004/appendices.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2005.
- WALTER, Maria T. M. T. A formação do profissional da informação relacionada às tecnologias de informação: os bibliotecários na perspectiva da literatura, reflexões. *Encontros Bibli*: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 19, 1. sem. 2005. Disponível em: <<http://www.encontros-bibli.ufsc.br/sumario.htm>>.